

As tramas e trilhas da arte, do imaginário e da educação nas denúncias radiofônicas de Walter Benjamin

Luzia Batista de Oliveira Silva¹

Gláucia Gonzaga Galvão²

Resumo: Walter Benjamin, filósofo, crítico, ensaísta e historiador da cultura, o autor que surpreende sempre com sua inteligência, perspicácia, utiliza como formas de expressão: “o ensaio, a crônica, o aforismo, o fragmento” (BARRENTO, 2013 p. 69), e nas palavras de Ernst Bloch, conforme Barrento (p. 69), consegue com “um corte transversal oblíquo” perfurar texturas improváveis como as esotéricas e até as mais banalizadas, enxergando nelas aquilo que, muitas vezes, um crítico não enxerga. Um autor capaz de deixar a nu as tramas e trilhas do cotidiano que ganham expressão e olhar curioso para se fazer notar nas artes, no imaginário e na educação. Por isso, ao fazer denúncias, ao mesmo tempo, desperta nas pessoas, o interesse pelas culturas. Na obra *A Hora das Crianças* (2015), nas narrativas radiofônicas, destacamos a peça (ensaio) *Visita à fábrica de latão* em que o autor convida, ou melhor, instiga os seus ouvintes a observar o mundo, com suspeita e de forma crítica, considerando que a criança é parte da sociedade, um ente que representa também as tradições, as culturas, o futuro e a esperança. Tomando por base esse ensaio, propomo-nos elaborar uma discussão acerca de como Benjamin se revela um filósofo ensaísta com um olhar atento à dimensão pedagógica, quando, por exemplo, faz uso da palavra, da sonoridade, do despertar e do papel relevante do imaginário na fase de formação escolar, da capacidade de observação, dos questionamento, bem como, dos diversos olhares que podem ser lançados sobre um fato a ser observado, explorando os cruzamentos entre educação formal/não formal, lazer/informação, cultura/denúncia.

Palavras Chave: cultura, educação, criança, memória, Walter Benjamin.

¹. Bacharel e Mestre em Filosofia pela PUC/SP/CNPq, Doutora em Educação pela FE/USP; Pós-doutorado em Antropologia / Ciências Sociais pela PUC-SP com estágio Pós-doutoral em Filosofia pela Universidade de Borgonha – UNB, Dijon-FR. Membro da AIGB – L’Association Internationale Gaston Bachelard – Dijon/FR; Membro da SETC – Sociedad de Estudios de Teoría Crítica – UIB/Espanha. Tem experiência de mais de vinte anos na área da educação, do Ensino Fundamental ao Ensino Superior; cerca de dez anos em Programas de Pós-graduação em Educação (*Stricto Sensu*), tem publicação de artigos, capítulos de livros, organizações de coletâneas e livros no Campo da Filosofia e da Educação. Líder do Grupo de Pesquisa TCTCLAE – Teoria Crítica e Teorias Críticas Latino Americanas/USF/CNPq, membro do Grupo de Pesquisa Teoria Crítica e Educação (UFSCar/UNIMEP/CNPq) e membro do Grupo de Pesquisa VIOLAR/Unicamp/CNPq. lubaos@gmail.com

². Doutoranda no PPGSSE/USF, linha de pesquisa: Educação, Sociedade e Processos Formativos, Campus Itatiba. Graduada e Mestra em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF; Especialista em Educação Ambiental pelo SENAC-MG. É docente no Ensino Médio na SEE-RJ e docente no Ensino Fundamental na SME de Juiz de Fora-MG. Na prefeitura de Juiz de Fora desenvolve trabalho junto ao Projeto de Aceleração do ensino e aprendizagem, com alunos que apresentam deficiência de aprendizagem e estão em risco social. Trabalhou em outros projetos de educação para comunidades negras e carentes, também trabalhou no Instituto Federal Sudeste – IFS e no Colégio Militar de Juiz de Fora, desenvolvendo trabalhos em parceria com a coordenação pedagógica. glauciagg@yahoo.com.br

Abstract: Walter Benjamin, a philosopher, critic, essayist and cultural historian, an author who always surprises with his intelligence and insight, and uses “the essay, the chronicle, the aphorism, the fragment” (BARRENTO, 2013 p. 69) as forms of expression, and in the words of Ernst Bloch, according to Barrento (p.69), manages, with an “oblique cross-cut”, to pierce through unlikely textures such as the esoteric and the even more trivial textures, seeing in them what a critic often cannot see. An author who is able to unveil the plots and trails of everyday life that gain expression and a curious outlook to be noticed in Art, the imagery and education. Therefore, when making denunciations, he simultaneously arouses people’s interest in cultures. In *A Hora das Crianças* (2015), in the radio-broadcast narrations, we highlight the play (essay) *Visita à Fábrica de Latão* in which the author invites, or rather, instigates his listeners to observe the world, suspiciously and critically, by considering that the child is part of society, a being that also represents traditions, cultures, the future and hope. On the basis of this essay, we propose to raise a discussion about how Benjamin reveals himself as an essayist philosopher with a careful eye to the pedagogical dimension, when, for example, he makes use of the word, the sounds, the awakening and the relevant role of the imaginary in the school education phase, the capacity for observation and questioning, as well as the different perspectives that can be cast upon a fact that is to be observed, exploring the intertwining between formal/non-formal education, leisure/information, culture/denunciation.

Keywords: Culture. Education. Child. Memory. Walter Benjamin.

Benjamin (2015) nos apresenta questões filosóficas que resvalam para as questões culturais, econômicas, sociais e históricas guardadas em nossa memória, as quais podem revelar muitos valores ocultos e, até mesmo, óbvios, aos quais, contudo, nem sempre prestamos a devida atenção. Posiciona-se, nesse ensaio, como um extraordinário filósofo-pedagogo.

O filósofo, na definição de Barrento (2013, p. 27), “...é um homem de fronteira, figura instável no limiar da História”, aquele que não se contentou em elaborar apenas discursos e obras sobre os assuntos mais recorrentes da Filosofia no período em que viveu. Barrento (2013, p. 32) considera que “Walter Benjamin é – e isso deve-se provavelmente à própria natureza de sua obra, deambulatória e fragmentária – um autor dispersamente presente, mas não sistematicamente apropriado”.

Barrento (2013, p. 47) considera que a marca mais visível de Benjamin “é a transversalidade – no sentido de ser um pensamento que busca no seu próprio tempo qualquer coisa que parece escapar à própria organização do tempo, à História e à Filosofia”.

Será que essa transversalidade contribuiu para que seus estudos avançassem para além dos campos da política, da arte, da filosofia e da história? Dimensões alcançadas por “um pensador da fronteira ou do limite” (BARRENTO, 2013, p. 17), a fim de chamar a atenção para categorias como memória e experiência, muito discutidas pelo filósofo que, nos anos de 1927 a 1932, trabalhou em emissoras de rádio em Berlim e Frankfurt apresentando “peças radiofônicas” (*Hörspiele*) a respeito de livros e contando histórias para o povo e, especialmente, para crianças, adolescentes, jovens e adultos; histórias de personagens populares através das quais mostra os dialetos, a linguagem popular, os costumes, a tradição e o comportamento das pessoas e de grupos sociais, ao mesmo tempo em que esclarece e incentiva as pessoas a questionar e buscar informações sobre um objeto qualquer, nesse caso, a visita à fábrica de latão. Por isso, o autor (2015, p. 108-109) questiona:

Para começar, temos a ciência, tudo o que a física e a química têm a nos dizer sobre o latão. O que é latão? Qual o seu ponto de fusão? Qual o seu grau de dureza? Qual o seu coeficiente de dilatação? Qual o seu peso específico etc.? Todas estas questões, sem exceção, têm importância para o serviço de uma fábrica de latão. Ou nós podemos olhar a coisa por outro lado: O que uma fábrica como esta pode produzir para alcançar boas vendas? O que é fabricado ali? Nenhum daqueles utensílios que nos parecem familiares, por exemplo... Ou seja: aqui são fabricados os produtos semifinalizados: chapas, lâminas, tubos, barras, fios dos mais diversos comprimentos, estruturas e formas que serão transformados, por sua vez, em outras fábricas de artigos de metal ou empresas do ramo da eletrotécnica.

Para o locutor, ou seja, o contador de histórias radiofônicas, não era exatamente esse tipo de atividade com que ele costumava se ocupar, nem demonstrava gostar de fazê-la, mas a fez com grandeza e encantamento. Manteve uma posição crítica, transversal (BARRENTO, 2013), tecendo, por isso, reflexões ácidas e críticas sobre história e memória e, ao mesmo tempo, buscando despertar, em seus ouvintes, a curiosidade e o gosto pela informação e a cultura escolar.

Kramer (1999) reforça sobre uma peculiaridade teórico-metodológica de Benjamin em que podemos "...numa obra, num indivíduo, num fragmento, numa insignificância encontrar o todo", ou seja, no cotidiano, nas pequenas coisas, nas peças de teatro popular, na linguagem dos feirantes, nos pequenos detalhes, pode-se revelar muito do objeto de investigação e crítica, como na visita à fábrica de latão, em que se expõe a arte da técnica na confecção de material para a indústria, permitindo que as crianças agucem a curiosidade e o imaginário a fim de questionar para que servem as placas que serão comercializadas. Como e por que a ciência está presente no setor industrial? De que maneira a ciência contribui com a vida dos seres humanos? De modo simples e direto, narra para que crianças e adolescentes saibam que muitos pais trabalham nesses locais, sendo portanto, o lugar que garante a subsistência de muitas famílias.

Benjamin possui outra peculiaridade: a capacidade para despertar, aguçar no outro o desejo pelo saber, pelo conhecer, pela crítica. Através das narrativas radiofônicas, escolheu temas, percursos e personagens com o objetivo de atrair as pessoas de forma surpreendente para chamar a atenção dos ouvintes despertando-lhes a vontade de ouvir, a vontade de aprender e, sobretudo, a vontade de saber.

Nesse contexto, na interpretação de Michel Foucault (2014, p. 10), a vontade de saber suscita a curiosidade, o espanto e a admiração numa propositura aristotélica, porque faz parte da verdade do conhecimento. Assim, onde não houver conhecimento não pode haver, verdadeiramente, prazer; sendo a visão o sentido que, primeiramente, pode provocar mais prazer porque está mais carregada de conhecimento. Por isso é que pode trazer mais prazer que os outros sentidos.

Assim, fez o ensaísta! Na peça *Visita à Fabrica de Latão*. Walter Benjamin procurou chamar a atenção das crianças e dos adolescentes para os diversos olhares que podem ser lançados em variadas direções e dimensões, bem como, para as variadas conclusões a que se pode chegar. Segundo o autor, "nós podemos olhar a coisa por outro lado" (BENJAMIN, 2015, p. 108). Certamente, o que não podemos é ficar apenas com uma impressão ou visão parcial, simplória da coisa que se investiga, filosoficamente, sociologicamente, historicamente ou pedagogicamente.

Kramer (1999) lembra que Walter Benjamin descreve e explica a importância de narrar os acontecimentos, de aconselhar e de como proceder na elaboração, escrita ou oral, de uma narrativa. Certamente, a maior lição que nos dá é que devemos agir com sabedoria.

Para o filósofo historiador (1987, p. 223), “o cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”, considerando que “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo vazio e homogêneo, mas um tempo saturado de ‘agoras’” (p. 229). O agora (*Jetztzeit*), segundo Barrento (2013, p.51), “é o lugar em que alguém está atento aos vestígios de sentido ainda possíveis e presentes nas ruínas da História, para chegar a uma qualquer epifania ou iluminação – sempre profanas”.

Os seus ensaios (*Versuche*) – experiências, de acordo com Barrento (2013, p. 35),

...colam dilemas que pedem indagação e evidenciam as falácias de todas as ‘saídas’ pretensamente definitivas, como textos que prenunciam, desde a sua gênese, o fracasso das leituras teóricas lineares, com a intenção de levar os problemas ‘a bom porto’ – se assim for (e parece que é), então a sua recepção³ está destinada a não acabar

Por isso, nos parece que Benjamin tinha plena consciência de como atrair seus ouvintes, como seduzi-los, encantá-los e educá-los com as suas escolhas para as narrações radiofônicas.

Para Kramer (1999, p. 105), em Benjamin, a história pode ser compreendida no entrecruzamento do presente-passado-futuro, visto que “[...] se o homem se faz fazendo o mundo, e se faz como homem se fazendo na linguagem, esse processo só é possível graças à coletividade, ao nós, ao auditório social presente dentro e fora de cada um”, porque “o passado e o futuro são para ele as dimensões do tempo que verdadeiramente existem” (BARRENTO, 2013, p. 50), mesmo quando se trata do agora, não há um presente, considerando-se que o atual / a atualidade “é uma espécie de não-tempo, sem um perfil próprio, porque, para Benjamin, “o momento presente resulta de um choque entre o que salta do passado e aquilo que se abre num futuro” (p. 50-51)

No ensaio *Visita à fábrica de latão*, o autor traça um roteiro a fim de mostrar as tramas e as trilhas da história da ciência na construção e criação de matérias para consumo, bem como, de mostrar a relevância do trabalho humano nas fábricas e indústrias. Faz isso com o objetivo de chamar a atenção das crianças, adolescentes e jovens para os diversos olhares que podem ser lançados sobre cada objeto do cotidiano a fim de obter as mais variadas percepções e conclusões.

A narrativa sobre essa visita é plena de perspicácias, apelando para a memória de um passeio e um futuro gestado no agora, tal como apontado anteriormente. Assim, chama a atenção o olhar atento e observador de Hirssch-Kupfer, ao adentrar a fábrica de latão, em Emberswald. Não parece afligi-lo o como narrar, porque o seu narrar é

³ Barrento se refere à recepção de Walter Benjamin em Portugal, mais especificamente, na passagem do século XX para o século XXI.

sempre reflexivo, provocativo. Mas o que narrar para seus leitores sobre uma fábrica de latão? O que narrar de um lugar que não oferece nenhum atrativo de beleza, curiosidade ou dimensão cultural para um adulto, menos ainda, para uma criança ou adolescente? Por isso, o autor recorre ao imaginário e ao olhar crítico e curioso da criança para aquilo que se ensina e o porquê de se poder ensinar sobre a vida e a arte de sobreviver numa simples visita a uma fábrica, podendo-se, contudo, discutir o processo de transformação da matéria na fabricação e a comercialização de mercadorias.

Então, como convidá-los a fazer esse passeio pela fábrica? Como instigar a curiosidade sobre esse lugar? Como dizer – sem dizer – para as crianças a respeito das mazelas e desencantos em trabalhar nesse lugar? Certamente, por isso, para o narrador ensaísta, deve-se narrar tudo o que pode ser visto e, talvez, chamar a atenção de quem visita esse lugar. Isso parece ter importância quando faz a seleção de pontos centrais sobre a triste fábrica de latão. Depois, busca ter uma visão de todo o local e de sua importância social e econômica para o povo e os trabalhadores da cidade.

O leitor que lê o título do ensaio e, provavelmente, o que ouviu sobre o título, ao final do dia, anunciando que, no dia seguinte, o ensaísta da cultura iria contar uma história sobre uma visita à fábrica de latão, pode, seguramente, se perguntar: Mas, afinal, o que poderia haver de interessante numa fábrica de latão? Sobre esse ponto, o autor (2015, p.107) comenta:

Imagino que se alguém escutasse na rádio algo como ‘Visita à fábrica de latão’, iria pensar: ‘Mais uma daquelas ideias idiotas. É impossível descrever um lugar como esse, é preciso ir lá e ver de perto’. Se o nosso ouvinte ainda não girou o botão desligando o rádio, peço a ele um pouco mais de paciência, pois é exatamente a ele que vou me dirigir.

Evidente que o narrador quer chamar a atenção também dos familiares das crianças e adolescentes, muitos dos quais, trabalhadores nessa fábrica e quer, também, prender a atenção do leitor para o mundo do trabalho e sensibilizar as crianças e adolescentes nessa visita. A partir desses variados pontos, numa linguagem livre e sem engodos, são feitos questionamentos, aparentemente banais, utilizando um vocabulário de fácil entendimento, sem, contudo, vulgarizar a sua narração.

Compreende-se por que algumas perguntas são simples, outras mais técnicas e outras mais críticas. O ouvinte de Benjamin pode-se instruir sobre diversos tipos de questões que podem ser elaboradas, suscitadas, sejam elas em larga ou menor escala, transformando, assim, uma educação não formal – livre de qualquer contextualização formativa – numa riqueza cultural, momentos aprendentes, que não são menos importantes que uma educação formal, planejada e conduzida e, muitas vezes, centrada apenas nos conteúdos e tarefas escolares. Através de um cruzamento entre a educação formal e não formal, o autor percorre tramas e trilhas na arte técnica de confeccionar a matéria, muitas vezes, ignorada na fábrica e faz isso instigando a curiosidade do ouvinte em busca de questionamentos, de uma curiosidade ativa na compreensão de explicações, de posicionamento que suscite entendimentos e conclusões por parte dele, ouvinte, apostando na possibilidade de um ouvinte crítico.

Mas, de maneira educativa, efetua-se um trabalho de valorização do cidadão comum, do trabalhador, da cultura popular, da linguagem popular, denunciando expressões e falas jocosas, carregadas de preconceito. Com essa postura, Benjamin

contribui para a formação de um espírito participativo e crítico. Comenta-se sobre o que se produz numa fábrica, como os gastos com o material para fabricação e, especialmente, sobre o alto consumo de eletricidade no período. O autor (2015, p.110) provoca o trabalhador:

Ainda não dissemos uma palavra sobre os trabalhadores, sobre sua formação, sobre os complicados cálculos que definem seus salários. Também não dissemos nada sobre o planejamento sobre as tarefas da direção da empresa, que precisa não só organizar o processo de produção, mas também manter um olho atento no mercado mundial, cuidar para não comprar materiais por um preço elevado e também ir em busca de clientes e encomendas o suficiente para manter a fábrica em pleno funcionamento, além de estar atenta para que o estoque não seja muito grande, pois o custo disso são os juros; e nem muito pequeno, para que os pedidos urgentes possam ser atendidos prontamente.

A sua narrativa não trata de questões administrativas, econômicas, mas da matéria utilizada na fabricação, bem como, dos processos de fabricação e do que é feita a matéria nela utilizada. Então, o que se pode esperar de uma visita a uma fábrica monótona, isto é, sem atrativos e cinza? Como convencer as crianças e adolescentes da relevância do trabalho dos adultos num lugar assim? Como lidar com o conhecimento sobre um local de trabalho cheio de informações, mas, onde, possivelmente, não exista posicionamento crítico nem visão da exploração no mundo do trabalho? O que pode expressar uma visão voltada para ver máquinas, cilindros, laminadores e tesouras industriais?

Esse parece ser um grande desafio para o autor. Como guiar a visita? O que dizer para as crianças e adolescentes e como não fustigar a sensibilidade delas? Como recorrer ao imaginário e, ao mesmo tempo, adotar um olhar curioso e crítico? Educar a sensibilidade e, ao mesmo tempo, despertá-la para refletir sobre a difícil arte de viver a fim de compreender as dificuldades que envolvem o trabalho e a vida humana.

Durante a viagem, nas narrativas radiofônicas, o autor transpõe as falas e a linguagem oral para o imaginário, declarando-o pleno de significados, fazendo uma verdadeira metamorfose nas sensações e no modo de o ouvinte trabalhar transformando o imaginário – inicialmente, tétrico – em algo belo e rico de informações, metamorfoseando a audição em sensação visual e a sensação visual em prazer que, segundo Foucault (2014. p.8), faz com que as sensações provoquem prazer; entre elas, as sensações visuais.

Ao traçar o percurso da fábrica de latão, Walter Benjamin mobiliza os valores da cultura popular e do cidadão comum, levando o ouvinte a perceber a importância da informação e da cultura que cada pessoa possui sem ter a percepção da gama de informações que domina. Informa o autor (2015, p.107):

Mas vocês não vão conhecer uma máquina por dentro ficando simplesmente parados na frente dela. Vamos imaginar que vocês estivessem em um daqueles pavilhões gigantesco: já seria interessante ver como a mistura que será transformada em latão é despejada nos

fornos, como as placas de latão vão saindo dali, como as chapas entram no laminador, grossas e curtas, e saem finas e longas, como os pequenos cilindros redondos são introduzidos automaticamente na prensa e saem do outro lado na forma de longos tubos bem acabados.

Há, portanto, incentivo e apelo para que se tenha conhecimento das coisas que fazem parte da vida cotidiana das pessoas, da matéria-prima usada para fazer objetos de uso doméstico, bem como, da matéria utilizada na fabricação de brinquedos para as crianças, numa tentativa de, também, valorizar o cidadão trabalhador e consumidor.

Com isso, o filósofo, crítico fervoroso do conceito de progresso, leva às crianças temas que julga ser importantes na construção e na conscientização da sociedade. O autor não se esquece de alertar sobre os perigos iminentes que a fábrica e o modernismo oferecem. E faz isso, de maneira simples, mas vigorosa, quando descreve, com cautela e precisão, a importância de se manterem os olhos bem abertos, da organização rigorosa do pavilhão, voltada para a segurança, da definição de cargos e funções, como partes da hierarquia no local de trabalho, dos percursos, dos trajetos, dos olhares atentos e fixos. Fazendo isso, alerta as pessoas a respeito das formas de controle dos industriais sobre seus funcionários. Denuncia o sentido negativo e destrutivo do materialismo, cujo progresso capitalista se beneficia também da mão de obra do trabalhador que nem sempre pode consumir o que ajuda a fabricar.

Alerta, além disso, também para a questão da escravidão e da desvalorização da população sob a ‘égide’ de perversas políticas “neoliberais” que geram, como consequência, a formação de agentes passivos.

Walter Benjamin, preocupado com os rumos da educação e da exploração humana no mercado de trabalho capitalista, transforma a arte da narrativa radiofônica, com uma sonora crítica, mas sem acidez, em uma viagem prazerosa pelo mundo do imaginário, transformando-a numa aula exemplar, sem apelos sensíveis. Faz isso, contudo, apontando as armadilhas, uma denúncia dos ditames do sistema de produção e controle da produção nas fábricas do século XX, na Alemanha. Benjamin desperta, no ouvinte, a vontade de saber, transforma o sonoro em imaginário; o imaginário carregado de informações sobre a vida de trabalho do cidadão, o prazer em conhecer visando ao interesse pela cultura.

Para ele, pode-se educar o olhar passivo, indiferente e inocente, num olhar crítico e astuto, um olhar que observa e aprende novas lições de sobrevivência. Além disso, ensina o seu ouvinte a não ouvir passivamente, mas a questionar e formar opiniões. A arte de ensinar, nesse ensaio, nos parece ser a verdadeira arte de ensinar de um mestre, uma forma livre, espontânea e aberta para educar, instruir e denunciar.

Benjamin encerra o ensaio informando o leitor de onde veio a matéria-prima utilizada na fábrica de latão e qual o destino dos produtos que foram produzidos e transformados em utensílios para serem comercializados. Retrata, portanto, com isso, todo o processo de industrialização de uma fábrica de latão...

Referências

BARRENTO, João. **Limiares sobre Walter Benjamin**. Florianópolis: ed. Da UFSC, 2013.

BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas I. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **A hora das crianças**: narrativas radiofônicas. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Aulas sobre a vontade de saber**: curso no Collège de France (1979-1971). São Paulo. Martins Fontes, 2014.

KRAMER, Sônia. **Infância, memória e saber**: consideração à luz da obra de Walter Benjamin, em A criança e o Saber. Rio de Janeiro, v. 1, p. 245-249, 1999.

Recebido para publicação em 06-05-18; aceito em 09-06-18